



FUCO LAMAS, ARREDISTA

Francisco, Farruco ou Fuco Lamas Barreiro fazia parte há uns oitenta anos da redaçom d'A Fouce, periódico que inspira hoje o noso NOVAS DA GALIZA. Era o "patriarca" dessa geraçom de moços que davam desde Buenos Aires os passos mais avançados do arredo galego. A reportagem que agora publicamos é umha pequena homenagem.

CRIAÇOM

Diego Ameixeiras nom para. Guionista de cinema e televisom, romancista, colaborador habitual em distintos meios... A sua última apariçom foi no exame de Língua e Literatura Galegas das Provas de Acesso à Universidade, o que provavelmente lhe valerá para ser conhecido, e nalguns casos odiado, pola rapaçada que vem de fazer a Seletividade. Nós, que já o conhecemos e contamos com ele desde que esta secçom arrancou, achegamos-vos um relato de raivosa atualidade. E, já que estamos, parabéns para o futebol galego.

CINEMA PARA PENSAR

Segundo Francesco Traficante, *As Neves do Kilimanjaro* é um filme de leitura aberta, "como som todos os bons filmes", contudo, nom isento de polémica. Realizado polo francês Robert Guédiguian, levou o prémio Lux europeu polos seus valores humanos.

A GALIZA NATURAL

Vaga-lumes

João Aveledo

"As estrelas não temem parecer vaga-lumes"
(RABINDRANATH TAGORE)

Entre maio e setembro, nas noites mornas, pequenas candeias alumiam as corredoiras, são os vaga-lumes. Segundo Manuel Rivas, os seres vivos com mais nomes na Galiza: bichocos-de-luzes, caga-lumes, corconhos, luzecus, luzerlas-da-noite, luzes-do-caminhante, olhinhos-da-noite, vaca-lumes, vaga-lumes, velhas-do-caldo, velhas-fazendonas-papas, velhas-que-alumiam, vermes-da-noite, vermes-de-luz... Recolheram-se mais de cem denominações populares! Vaga-lumes foi a escolhida como designação padrão por galegos e brasileiros (os portugueses preferem chamá-los de pirilampos). Diz o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea que vaga-lume é eufemização de caga-lume... Bem-haja! Poucos nomes de animais são tão bonitos quanto este, que tantas vezes tem inspirado poetas e artistas.

A principal característica distintiva destes coleópteros é a sua capacidade para produzir luz. A bioluminescência dos vaga-lumes fundamenta-se numa complexa reação química em que uma molécula, a luciferina, é excitada, liberando o seu excesso de energia em forma de luz fria e visível. Com base na bioluminescência tem-se desenvolvido a quimioluminescência, uma técnica instrumental que permitiu nas últimas décadas grandes avanços na química analítica e, em particular, na bioquímica clínica.

Na Galiza existem várias espécies de vaga-lumes, ainda mal estudadas... Nem sequer temos a certeza de qual é a nossa espécie mais comum. Até há pouco pensávamos que era *Lampyris noctiluca*, mas uma descrição feita em 2008 de uma nova espécie em Portugal, *Lampyris iberica*, muito parecida com a anterior, pôs em questão todas as identificações prévias.

Os vaga-lumes são vorazes devoradores de caracóis, lesmas e vermes. Vivem em pradarias, ribei-



Na Galiza existem várias espécies de vaga-lumes, ainda mal estudadas

ras de rios, hortas, valados, sebes, margens de leiras, jardins... Ainda que cada vez em menor número. Importantes bioindicadores, a sua extrema sensibilidade faz com que sejam dos primeiros seres vivos a desaparecer quando há alterações ambientais como uso de pestici-

das, contaminação ou destruição da flora autóctone.

Os lampejos de luz emitidos pelos vaga-lumes são sinais que permitem o reconhecimento mútuo entre machos e fêmeas para o acasalamento. A iluminação pública desmedida, para além de consti-

tuir um desperdício energético, está a desorientar os machos dos vaga-lumes dificultando a sua reprodução. Uma poluição luminosa que afeta também a observação astronómica dessas estrelas que o poeta dizia não terem medo de ser vaga-lumes.



EM TEMPOS

“A nosa laboura e humilde pero sinceira. Non ten grandes voos por que non é posibre faguer moito mais: pero a nosa concencia e a nosa y-alma está no ben da Terra y-eso nos descarga de tudo”

“Como poden amostrar o seu amor a causa redentora da Terra, si lles falta tempo para ollarse no seu espello de vanidade?”

FUCO LAMAS BARREIRO, 1930

FUCO LAMAS BARREIRO, O ARREDISTA GALEGO DA PARAMOUNT FILMS

C. C. V.

Francisco, Farruco ou Fuco Lamas Barreiro fazia parte há uns oitenta anos da redacção d’A *Fouce*, periódico que inspira hoje o nosso *NOVAS DA GALIZA*. Era o “patriarca” dessa geração de moços que davam desde Buenos Aires os passos mais avançados do arredismo galego. Valham estas linhas, por força incompletas, de pequena homenagem.

A primeira organização à que aparece vinculado o nome de Francisco Lamas Barreiro é a *Moceda Galeguista d’Ourense*, a começos da década de 20, que dirigia junto António Cid Fernandes, e à que estavam associados gente como Risco ou Eleutério Gonçalves Salgado. Em correspondência com Antom Lousada, Risco gabar-se-á do crescente sentimento separatista destes moços. Seria a primeira organização juvenil arredista que toma como próprio o hino de Branhas, “modificando alguns versos em sentido arredista” – assinala Risco –, sendo posteriormente o hino da Federação de Mocidades Galeguistas – a pedido de Manuel Beiras – e atualmente da Assembleia da Mocidade Independentista. É de louvar também que em 1921 acordaram entrar em relação com os movimentos nacionalistas de Catalunha, Euskadi e Aragom, visando a criação dumha “Liga das Nazós do Norte d’Ibéria. No plano social, intentárom achegar as sociedades agrárias ao nacionalismo, através de intensa propaganda no que qualificavam como a “classe labrega”.

Arredista na emigração

Mesmo antes da década de 20 há sinais de F. Lamas Barreiro em Buenos Aires, como a carta que lhe rege a Fermim F. Pençol desde a



ARQUIVO MARCELO MANETTI



À esquerda e à direita, imagens de Fuco Lamas (ano 1920)

“Pensom Lamas”. Nela, pom-se à disposição de Pençol para ajudar à organização do nacionalismo, e critica duramente o caráter dos galegos emigrados: “teñen na sua lembranza o recordo da terra onde naceron, pro no intre non sinten a falla de falar no seu idioma, e de espallalo por onde podían, porque isto é dun orden ideolóxico que moitos non enxergan; algúns hai que abranguen canto isto siñifica, pro outros cren que con cantar alalás e bailar a muiñeira e contar catro pulas en gallego, xa se fizo galleguismo”; por isso, prossegue Fuco Lamas, “inda ben axa eiquí enriba de 100.000 gallegos non se pudo has-tra o de agora chegar ó que vosté pregunta. Us ollan de falar co acento criollo pra non semellar gallegos; outros din que son gallegos pro que dinantes son españois e teñen de falar castelán; e outros que soilo teiman en cultivar o que nos pon en redículo, pois fica un fato de homes que esmorece de xenreira sin po-

der faguer cousa de xeito”.

Na revista *Céltiga*, dirigida por Jaime Quintanilha e Ramom Vilar Ponte, colaborará com ilustraçons e desenhos junto com outros artistas como Castelao, Álvaro Cebreiro ou Camilo Dias Balinho. Precisamente, a qualidade das ilustraçons foi um dos sinais de identidade da revista galeguista.

Diferenças com Blanco Amor e fundação da SNP

Quando começan a andar Irmandade Nacionalista Galega na América do Sul, a instâncias da figura de Ramiro Ilha Couto, Fuco Lamas voltará a estar presente na organização, assim como ilustrando o seu vozeiro *Terra*. O grupo nom se conseguirá estabilizar, e esgaça em duas correntes, a possibilista liderada por Blanco Amor, e a arredista, liderada por Ilha Couto e Fuco Lamas, cujo núcleo militante ficará com as siglas da ING, mas declarando-as já abertamente indepen-



dentistas, tendo como primeiro ponto do seu programa a “*Independenza de Galiza*”. Em 1926, criam o periódico que consideramos o nosso precursor, *A Fouce*, com Lino Peres como seu primeiro diretor. O grupo converter-se-á na Sociedade d’Arte Pondal, que dará lugar à Sociedade Nazonalista Pondal, após o fracasso definitivo da ING. Fuco Lamas exporá no duro artigo “*Puntualizazos*” (*A Fouce*, n.º 21, 1930) a sua opinião sobre esta derrota, culpando Blanco Amor: “...as cousas iban ben, cand’o poeta do grupo, o que máis obriga tiña de ser consecuente coa súa declaración de nazonalismo, sin motivo, e c’un pretexto ridículo, arredouse de nós. Despóis, circunstancias sucesivas fixeron que cada un tomase por vieiro distinto y-esmorece aquel intento de organización do nazonalismo”.

Em 1930, ocupará o cargo de presidente da Sociedade Nazonalista Pondal, até o relevo de Manuel Oliveira. Bernardo Penabade descrevia – no especial do *NOVAS DA GALIZA* n.º 88 sobre *A Fouce* – os pondalinos como “Discípulos do patriarca Francisco Lamas Barreiro – como o poderiam ter sido de Manuel Lugris Freire, se vissemos na Galiza –, nasceram no último decénio do século XIX ou no primeiro do XX e eram novecentistas como Luís Pimentel ou Bouça Brei, como Ma-

nuel António ou Amado Carvalho”. Nessa mesma época, ocupará o cargo de secretário do Instituto Cultural Galego, que conformedo principalmente por arredistas da Argentina, apoia –sobretudo economicamente– o Seminário de Estudos Galegos.

Publicista da Paramount Films

Conta em carta Ramiro Ilha Couto a Fermim Pençol que para a articulação do arredismo na Argentina conta com a “axuda do dibuxante galego F. Lamas Barreiro, irmán que procede da I.N.G. de Ourense, mais como é o encarregado da publicidade da Paramount Films ten un traballo condanado tamén, e non pode faguer máis que antre horas algún dibuxo que se lle pida”. Na Paramount “conheceu pessoalmente Gardel, Tito Lusiardo, etc.”, refere-nos o seu neto Marcelo Manetti. Colocou a sua profissom de desenhador à disposição da sua militância, tanto na revista *Céltiga*, como em *Terra* –da qual era diretor artístico– ou n’*A Fouce*, onde também descreve a vida e obra de jovens artistas galegos, vanguardistas e comprometidos com a *Terra*, como Fernández Mazas ou Xulio Prieto Nespereira. A filologia e o estudo da língua era outro dos interesses de Farruco Lamas, como testemunha o “Vocabulário” galego que encetara no vozeiro *Terra*.



A FOTO



Esgota-se o tempo

Zélia Garcia

Pretendem roubar-nos as ruas, o espaço público. Criminalizando, com multas, com penalização da rebeldia e da protesta, ou com ordenanças municipais que tentam cobrar ao tecido associativo por realizar atividades sem fins lucrativos. A fascistação impom novas regras de jogo, novos direitos de admissom, onde os quartos solucionariam tudo. Privatizam as nossas vidas e enfrentamo-nos a novas situaçõs de medo e isolamento. Só a força das batalhas coletivas fará mudar o rumo das cousas. Será hoje quando combatamos juntas a realidade que nos afoga? Tic, tac, tic, tac...

CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de sentido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No *NOVAS DA GALIZA* pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número fornecemos um texto literário para go-

zarmos das nossas letras, num projeto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

Diego Ameixeiras colabora connosco quase desde que esta secção arrancou e sempre nos surpreende. Desta vez, achegamos um relato que deixa claro que nom há rival pequeno.

O seareiro de Resistência



por Diego Ameixeiras

No momento da sua publicação num jornal viguês, ninguém lhe deu importância àquela fotografia. Era uma instantânea como outra qualquer, tomada nas imediações da fonte de Praça América, durante as celebrações posteriores ao ascenso do Celta à Primeira Divisão. Mas ao dia seguinte, já desde primeira hora da manhã, começaram a arder as redes sociais. Aquele homem que erguia os braços, em plena êxtase, era o mesmo que aparecia noutra fotografia tomada nos Quatro Caminhos umha semana antes, daquela publicada num jornal corunhês. Nom havia dúvida de que se tratava dum caso do que os jornalistas poderiam ti-

rar muito proveito. O mesmo adepto que na Corunha semelha-va querer descolar do chão perante o regresso do Desportivo à máxima categoria, emocionava-se até as bagoas no dia em que o Celta recuperava glórias perdidas. Que aquele misterioso personagem fizesse pública a sua dupla adesom, submergido nos ambientes mais acérrimos, se calhar entoando cânticos elogiosos e desafetos em duas direções, era toda umha demonstração de que se tratava dum espécime insólito.

Lamentavelmente, as primeiras investigações jornalísticas para conseguir a entrevista mais buscada dos últimos tempos nom dêram o resultado que se

aguardava. Era certo que existiam pessoeiros relevantes que torciam por ambos os clubes (agás exceções, por causa de terem como primeira equipa umha terceira), mas umha exclusiva com o homem fotografado era especialmente apetecível. Assim que a caçaria seguiu o seu curso inexorável durante os seguintes dias. Consultadas as presidências das penhas mais relevantes, frequentados os bares correspondentes, investigados centos e centos de perfis de Facebook e interrogados os adeptos de maior vida social, mesmo houve quem começou a suspeitar que se tratava dumha montagem argalhada por um

ocioso necessitado de projeção pública, disposto a vender muito cara a sua identidade.

Mentres os opinadores mais avezados do país começavam a fazer as suas cabalas em primeiro tempo —a teoria dos gémeos opostos ganhara peso nos últimos dias, em dura pugna com a hipótese dum caso clínico de personalidade múltipla, o estranho caso do seareiro céltico-desportivista solucionou-se graças às trabalhadas pesquisas dum correspondente da BBC em Barcelona (seguidor do Stoke City, em consequência garantia de neutralidade respeito às tensões norteseul do território galego). Para abraio dos especialistas, o ho-

mem da fotografia vinha sendo um argentino residente em Cornellà (proprietário dum negócio de hotelaria) que durante a semana dos ascensos decidira passar uns dias de férias na Galiza. Natural de Resistencia —a cidade de Julio Elías Musimessi, *el arquero cantor* que popularizou o chamado *Dale Boca, viva Boca, el cuadrado de mi amor*, carecia de vínculos familiares com o país e nom era aficionado do futebol. Mas quando foi perguntado polas causas do seu extravagante comportamento, concluiu que se unira a ambas as celebrações porque, já desde neno, tinha o saudável costume de se emocionar ao ver muita gente contente.



Aonde aponta o dedo?

Valentim R. Fagim

Na hora de fazer uma análise, de fazer uma crítica, é importante na direção em que aponta o dedo.

Mais de umha vez, depois de dar umha palestra ou no interior de umha conversa mais ou menos longa, algum interlocutor tem chamado a atenção para o uso abundante que fago da palavra OK, quase sempre com certa aspereza. “Isso é inglês”, “isso nom é autêntico”. Asprezas similares encontram-se em elites do galeguismo perante os galicistas do português. “Isso é francês”, “Isso nom é autêntico”. É louvável tanto desejo de autenti-

Sempre me chamou a atenção a atração que o galeguismo histórico sentiu polo português e os países que o falam, atenção que o galeguismo oficial há tempos que enviou para as malvas.

Porém, sempre fiquei mais chocado com a fascinação que sentiam polos países celtas

cidade, seja dito de passagem.

Se deixasse sair o lado obscuro que todos temos (seja também dito de passagem), argumentaria “bom, se de autenticidade se tratar, que tal se deixamos de usar o inglês mitin ou o francês bufanda, ou melhor, os milhares de castelhanismos que agromaram no nosso país e de que nem somos conscientes?” É provável que ficasse cheio de razão mas a maioria das vezes a conversa entraria num crescendo de decibélicos onde as goelas teriam mais protagonismo que as ideias.

Sempre me chamou a atenção a atração que o galeguismo his-

tórico sentiu polo português e os países que o falam, atenção que o galeguismo oficial há tempos que enviou para as malvas, essencialmente porque é o preço para sair na fotografia. No entanto, sempre fiquei mais chocado com a fascinação que sentiam polos países celtas de cuja comunidade, ao que parece, fazíamos parte.

Longe de mim entrar em debates sobre o celtismo de que pouco sei. Simplesmente queria bater o ponto na atitude: a Galiza Lusófona era, e é, um desafio ao statu Quo, a Galiza céltica nom.

Onde aponta o dedo?



CINEMA PARA PENSAR

As Neves do Kilimanjaro

Francesco Traficante

Filme de leitura aberta, como som todos os bons filmes. De facto, este filme francês do ano passado, e realizado polo francês Robert Guédiguian, levou o prémio Lux europeu polos seus valores humanos. Nom isento de polémica, tem tido críticas por ser demasiado de esquerdas e por ser reacionário, o que dá conta do pouco carácter panfletário e o muito de reflexivo que é. O realizador propom que nos enfrentemos às nossas contradições, e mostrar-nos como o mundo nom está feito de bons e maus, mas que todas as pessoas temos algo das duas cousas. Os protagonistas masculinos, Michel e Raoul, vam mostrando as suas contradições, pois ainda sendo ambos sindicalistas comprometidos durante toda a sua vida, um deles, Michel, acaba questionando certos tópicos da esquerda quando se tem que enfrentar às consequências tanto

dos seus atos como dos das pessoas que o rodeiam. De facto numha cena com a sua mulher, Marie Claire, acaba autodefinindo-se como “pequeno-burguês”, sentindo-se agora como o que tanto odiava na sua juventude. Por outro lado o realizador questiona parte do papel do sindicato como elemento de justiça quando negociou com a patronal da empresa a forma de despedir os trabalhadores num ERE, optando polo sorteio. Um dos despedidos acaba deitando-lhe à cara no final do filme, quando questiona esse método e lhe diz que teriam que ter feito como os próprios sindicalistas lhe exigem sempre aos governos: atender segundo as necessidades de cada pessoa. O sorteio estaria mais próximo do azar a que são condenadas as crianças nascidas em famílias mais pobres, com muitas menos oportunidades para terem sucesso na vida das que teriam numha

forma de atuar justa. Por outro lado, o realizador já faz toda umha declaração de intenções quando Raoul, o cunhado de Michel, lhe reprocha que tivesse metido o seu nome na urna do sorteio, possibilitando o que afinal se passa, que o próprio Michel acaba sendo um dos despedidos. Isso sim, com subsídio de desemprego até que se reforme, pois já está perto da idade para se aposentar. Contudo, com ele também fica despedido um jovem que tem ao seu cargo dous irmaos que só o tenhem a ele no mundo. Este operário novo resolverá de umha maneira errada os seus problemas económicos, pois ao usar a violência e o roubo está a perder qualquer legitimidade na sua reivindicação de justiça social. De facto, ao serem os sindicalistas os afetados, Raoul, que é o mesmo que propunha manipular o sorteio aproveitando-se da sua posição de

privilégio como representante sindical, será o que tenha um juízo mais duro com o rapaz, desejando mesmo que “apodreça” na cadeia, algo afastado da ideia do cárcere como reeducação e nom repressom, mas que quando o afeta a ele, nom duvida em se alinhar com as posturas mais reacionárias. E isso que no filme fica claro que ele é o mais politizado e ideologizado. O realizador, portanto, deixa claro que umha pessoa com um discurso politicamente correto nom é garantia de nada. Um elemento que o realizador introduz mui inteligentemente é uma banda desenhada que funciona como elemento tanto de mostra de carinho, como de fio para descobrir o assaltante do dinheiro poupado polos sindicalistas, como de elemento final que descobre que no fundo todos podemos chegar a roubar num momento dado, polo qual sempre devemos ser

prudentes no momento de julgar os demais, sem por isso aprovar o roubo, mas sim inseri-lo num contexto determinado. Afinal aparece também que tantos anos de luta sindical e solidária só servírom ao protagonista para que os filhos lhe acabem deitando à cara as poucas horas que estivo com eles e que tenham umha mentalidade pouco solidária e afastada dos ideais republicanos e de esquerda, tal como vemos na cena em que reprocham aos seus pais que se encarreguem das crianças do assaltante. De facto, a solidariedade que vam exercer Michel e Marie Claire com os meninos que ficam sem família terá mais a ver com a responsabilidade individual do que os nossos próprios atos provocam. E mais vinculada a umha ética universal do que a umha posição ideológica. Eis a riqueza de um filme que sem negar as consequências da atual crise económica europeia, defende ao mesmo tempo a tese de que nem por isso podemos recusar as nossas responsabilidades individuais agachando-nos em discursos ideológicos ou atos políticos, que muitas vezes som simples desculpas para nom agirmos de verdade.